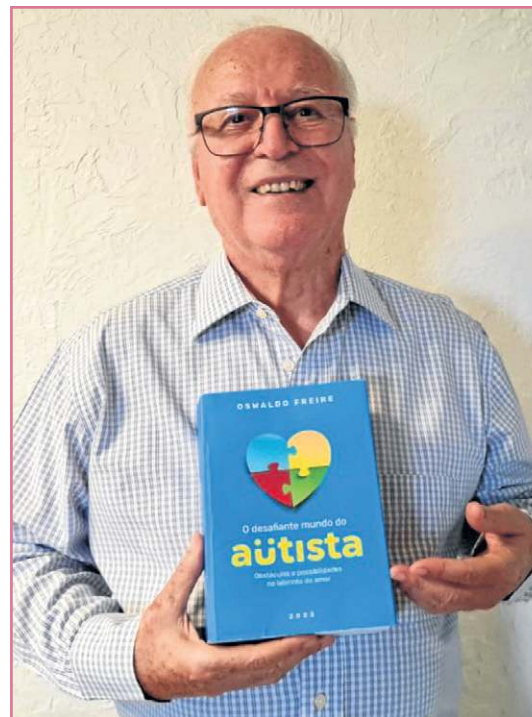


# A verdadeira inclusão

Profissionais podem se capacitar e os ambientes podem ser adaptados, mas segundo relatos de famílias que convivem com o espectro, a verdadeira inclusão vai muito além das estruturas físicas ou técnicas específicas. Facilitar a vida das pessoas autistas também envolve combater o preconceito, comunicar-se de forma clara, exercer empatia e evitar julgamentos.

Diagnosticada tardiamente, aos 36 anos, Ana Carolina do Vale Pinheiro explica que pessoas no espectro têm uma forma diferente de se comunicar e que cabe à sociedade aceitar essas diferenças e incluí-las de forma digna. "Não vamos nos comportar da mesma forma no trabalho, na escola, na faculdade ou na fila do supermercado. Somos autistas e vamos continuar sendo assim. Para uma convivência verdadeira, o que realmente precisa é aceitação. Se querem nos incluir de verdade, é assim que deve ser", afirma.

Mayara Gurgel, mãe do pequeno Victor Gurgel, 8, também enfrenta preconceitos e invalidações em relação ao filho, diagnosticado com autismo nível 1 de suporte. "Ele fala, comunica-se, mas tem suas limitações, que são muitas, por sinal, e mesmo assim temos



**Oswaldo Freire escreveu o livro com o objetivo de facilitar o entendimento do universo atípico**

que ouvir que ele 'não tem nada', que é coisa da minha cabeça ou apenas frescura", desabafa.

Para ela, empatia deveria ser um valor do cotidiano. "As pessoas precisam se informar sobre o assunto para acolher verdadeiramente. Empatia, sensibilidade e amor ao próximo devem estar presentes em todos os lugares", defende. Mayara conta que os únicos espaços em que percebe inclusão de fato são terapias voltadas a pessoas com deficiência e hospitais, locais onde o filho nunca enfrentou discriminação.



**Mayara, mãe do Victor, enfrenta preconceitos e invalidações em relação ao filho**

Congonhas, em São Paulo, possui iluminação especial, painéis de atividades e mobiliário projetado para proporcionar conforto e qualidade. O espaço fica localizado na sala de embarque, próximo ao portão 4.

Somando-se a esses, há salas disponíveis nos aeroportos de Florianópolis, Galeão e Santos Dumont (RJ) e Natal. O Ministério de Portos e Aeroportos prevê a criação de mais unidades.

## Palavras que atravessam o espectro

Além dos retratos profissionais e das vivências familiares, a literatura traz reflexões importantes sobre a experiência de conviver com o autismo. O escritor Oswaldo Freire, 82 anos, diagnosticado com TEA, explica que criou o livro *O desafiante mundo do autista* com o objetivo de facilitar o entendimento do universo atípico, oferecendo uma fonte de informações para profissionais de saúde, educadores, familiares e cuidadores.

A obra conta com 44 capítulos, 1.068 páginas, 627 referências científicas e citações bibliográficas, além de 135 ilustrações, imagens, mapas conceituais e exercícios evolutivos. Ao longo de 10 anos, Oswaldo coletou dados e relatos ao lado de familiares, amigos e profissionais de diferentes áreas acadêmicas no Brasil, Austrália, Estados Unidos, Argentina, México, Canadá e França.

Mais do que discutir aspectos teóricos e científicos, o livro apresenta orientações práticas para lidar com os desafios do autismo no dia a dia. Ele aborda desde estratégias de prevenção e intervenção até temas como alimentação, exercícios físicos, sono e bem-estar geral.

Em um dos trechos, o autor reflete: "E a cura do transtorno do espectro autista? Enquanto a ciência não descobrir a causa e oferecer um medicamento específico, o melhor remédio será conviver com a pessoa com essa disfunção neurobiológica. Primeiro: prevenção, que evita o agravamento da sintomatologia do TEA e de outras situações correlatas. Segundo: paciência, um pequeno passo de cada vez. Terceiro: estimulação por meio das terapias mais eficientes. E quarto, e mais importante: o amor, que promove a união entre as pessoas, respeitando a neurodiversidade. Assim, exalto os valores humanos. Se o TEA não tem cura, vamos cuidar dos nossos 'teanos'."

## Viagem atípica

Viajar de avião pode ser um grande desafio para pessoas autistas. Felizmente, hoje já existem aeroportos inclusivos, com salas de regulação que minimizam a ansiedade e o desconforto durante ou após o voo.

O Aeroporto Internacional de Brasília possui um espaço especial, com recursos interativos, elementos táteis e uma área que simula o interior de uma aeronave. Localizado na sala de embarque doméstico, entre os portões 21 e 22, o local recebe até sete pessoas ao mesmo tempo.

O Aeroporto Internacional do Recife conta com luzes menos intensas, projeções nas paredes, sons de água corrente, piscina de bolinhas e almofadas revestidas com tecidos especiais. A sala funciona 24 horas na área de embarque norte, em frente ao portão B12 e comporta até quatro famílias simultaneamente.

Já a sala multissensorial do Aeroporto de

## ESPORTE INCLUSIVO

A inclusão de pessoas com TEA nos estádios de futebol também é uma tendência no Brasil. Diversos clubes começaram a implantar as chamadas salas ou camarotes sensoriais. Esses espaços são projetados para oferecer um ambiente acolhedor e de autorregulação para torcedores autistas e seus acompanhantes, que muitas vezes sofrem com a hipersensibilidade a ruídos, luzes e multidões típicas do ambiente esportivo.

Geralmente equipadas com isolamento acústico, iluminação difusa, pufes, brinquedos e abafadores de ruídos, essas salas permitem que os autistas desfrutem da partida de forma mais confortável e inclusiva. Times como Atlético Mineiro, Corinthians, Palmeiras, Internacional e Fluminense contam com essa iniciativa em seus respectivos estádios.